

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

**PASSAPORTE PARA A ÁFRICA: UMA EXPERIÊNCIA COM A MALETA  
VIAJANTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Lilian Marta Dalamura Gomes

JUIZ DE FORA

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

GOMES, Lilian Marta Dalamura.

PASSAPORTE PARA A ÁFRICA : UMA EXPERIÊNCIA COM A MALETA VIAJANTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL / Lilian Marta Dalamura GOMES. -- 2017.

37 f.

Orientador: Márcia Guerra PEREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Especialização em História da África, 2017.

1. África. 2. literatura africana. 3. educação infantil. 4. educação para as relações étnico-raciais. 5. Lei nº 10.639/03. I. PEREIRA, Márcia Guerra, orient. II. Título.

LILIAN MARTA DALAMURA GOMES

**PASSAPORTE PARA A ÁFRICA: UMA EXPERIÊNCIA COM A MALETA  
VIAJANTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em História da África.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Guerra Pereira.

JUIZ DE FORA

2017

LILIAN MARTA DALAMURA GOMES

**PASSAPORTE PARA A ÁFRICA: UMA EXPERIÊNCIA COM A MALETA  
VIAJANTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada  
ao Instituto de Ciências Humanas da  
Universidade Federal de Juiz de Fora como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Especialista em História da África.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Guerra Pereira.

Área de Concentração: História

Data da Defesa: 01/04/2017

Resultado: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Márcia Guerra Pereira (Orientadora)  
Professora do Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fernanda do Nascimento Thomaz  
Coordenadora da Pós-Afrikas  
Departamento de História

Prof<sup>a</sup>. Ma. Daiana Lucas Vieira  
Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico este trabalho a todos que de alguma forma  
contribuíram para a sua concretização.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por tudo o que tem feito em minha vida.

A meus pais, Marta Maria Dalamura e Carlos Sales Gomes, por me amarem, incondicionalmente.

Às minhas irmãs “superpoderosas”, Lydía e Elisa, pelos momentos de questionamento e de cumplicidade, ao longo do curso e durante a construção deste trabalho (aproveito para me desculpar, pelos momentos de ausência).

Aos amigos que fiz ao longo dessa jornada, pelas incansáveis conversas em sala de aula e, é claro, na cantina, bem como pelo compartilhamento de conhecimentos em relação à História da África.

## NA ESCOLA DO CAMALEÃO

O camaleão é um grande mestre.  
É só olhar.  
Quando toma uma direção, não vira nunca a cabeça  
Faça como ele.  
Tenha um objetivo na vida e que dele nada o afaste.  
O camaleão não vira a cabeça mas o seu olho gira.  
Olha para cima, para baixo.  
O que quer dizer: Informe-se.  
Não pense que está sozinho na terra.  
Quando chega a um lugar, toma a cor do lugar.  
Não é hipocrisia.  
É tolerância primeiro e depois saber viver.  
Choca-se uns contra os outros não adianta nada.  
Nada se constrói na briga.  
É preciso procurar sempre entender o outro.  
Se existimos, é preciso admitir que o outro existe.  
Se o camaleão avança, levanta um pé. Pesa.  
Isso se chama prudência na marcha.  
Para se mexer, prende o rabo e se  
os pés falseiam, fica dependurado.  
Isso se chama  
Ter segurança na retaguarda.  
Não seja pois imprudente.  
Quando o camaleão vê sua presa,  
não se atira encima mas envia sua língua.  
Se a língua pode trazer a presa, ela a traz.  
Senão tem sempre a possibilidade  
de retirar sua língua e evitar o mal.  
Vá manso no que faz, sempre.  
Se você quer realizar obra duradoura,  
seja paciente, seja bom, seja humano.  
É isso aí. Se você encontrar na mata,  
peça ao iniciados que lhe contem  
a lição do camaleão.

*Amadou Hampaté Bâ: Mali*

**REFERÊNCIA:** BÂ, A. H. A tradição viva. In.: KIZERBO, J. (Org). **História oral da África.** UNESCO, 2012.

## RESUMO

O presente trabalho apresenta uma proposta para o uso do material didático “Maleta Viajante”, que é composto de literatura africana e de contos africanos, e que é voltado aos educadores e às educadoras que trabalham na Educação Infantil, com crianças pequenas com idade entre 4 a 5 anos. Ressalta-se a importância de realizar um trabalho envolvendo histórias do continente africano nas práticas pedagógicas e no cotidiano escolar, com o objetivo de proporcionar às crianças pequenas o acesso a diferentes práticas culturais, a diferentes paisagens e valores, de modo a romper com as barreiras do preconceito, da discriminação e do racismo, no espaço escolar. A proposta apresenta textos e atividades que envolvem a família e o restante da comunidade escolar; e apresenta, ainda, aos profissionais da Educação Infantil, uma reflexão acerca dos valores da diversidade e da inclusão social.

**Palavras-chave:** África; literatura africana; educação infantil; educação para as relações étnico-raciais; Lei nº 10.639/03.

## ABSTRACT

The present work of course conclusion deals with the African Literature and African stories for the modality of the Infant Education the didactic material the "Traveling Suitcase", aimed at the target public to educators who work with small children of the age group of 4 to 5 Years of age and the Early Years of Basic Education. I emphasize the importance of working African histories of the continent of Africa in pedagogical practices and school everyday. Promote a playful activity for children, educators and the family at the time of storytelling. Thus, provide the young child with access to African culture, ethnic-racial values. Breaking the barriers of prejudice, discrimination and racism in the school space a Eurocentric tradition in early childhood education. The early childhood education of the young child is to establish ethnic - racial relations in the school curriculum is still unfolding in everyday life. Establish an affectionate and welcoming relationship with the family and the community through African tales and the subjects that make up the traveling bag. Trying to contribute to the professionals of early childhood education a reflection on the values of diversity and social inclusion.

**Key Words:** Africa; African literature; children's education; education for racial ethnic-relations; Law number 10.639/03.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Fotos da Maleta Viajante e de seus acessórios.....	26
Figura 2	- Fotos de livros africanos que relatam países do continente africano	26
Figura 3	- Foto do caderno de registros.....	27
Figura 4	- Fotos do passaporte do leitor.....	27
Figura 5	- Modelo de carta a ser enviada à família do aluno.....	31

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 EDUCAÇÃO INFANTIL.....</b>	<b>14</b>
<b>2 A EDUCAÇÃO INFANTIL NO 1º PERÍODO – CRIANÇAS DE 4 ANOS DE IDADE.....</b>	<b>17</b>
<b>3 A LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....</b>	<b>18</b>
<b>4 A LINGUAGEM DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....</b>	<b>21</b>
<b>5 A LITERATURA AFRICANA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....</b>	<b>22</b>
<b>6 A MALETA VIAJANTE: LITERATURA E CONTOS AFRICANOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....</b>	<b>24</b>
<b>6.1 Objetivos.....</b>	<b>24</b>
<b>6.2 Justificativa da Escolha do Material Didático.....</b>	<b>24</b>
<b>6.3 Metodologia.....</b>	<b>25</b>
<b>6.4 Materiais Necessários para a Composição da Maleta Viajante.....</b>	<b>25</b>
<b>6.5 Fotos da Maleta Viajante.....</b>	<b>25</b>
<b>6.6 Resumos das Obras.....</b>	<b>28</b>
6.6.1 Escola de Chuva.....	28
6.6.2 Mizu e a Estrela.....	28
6.6.3 Uma Ideia Luminosa.....	29
6.6.4 Bruna e a Galinha D’Angola.....	29
6.6.5 Kriku e a Feiticeira.....	30
<b>6.7 O Papel da Família.....</b>	<b>30</b>
<b>6.8 Desenvolvimento do Projeto.....</b>	<b>32</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>
-------------------------	-----------

## INTRODUÇÃO

Entre outubro de 2015 e janeiro de 2017, tive a oportunidade de participar do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em História da África, oferecido pela da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em parceria com o Sistema de Gestão e Monitoramento da Formação Continuada (SisFOR) do Ministério da Educação (MEC). Foi uma experiência que me possibilitou refletir sobre a minha prática docente e sobre os limites da minha formação, além de começar a ver possibilidades de alterar uma trajetória de lacunas e de repetição de preconceito.

A minha formação profissional, durante o curso de magistério, trouxe-me inúmeros pontos positivos, no que tange aos conhecimentos teórico e prático necessários para se trabalhar em salas de aula de Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental com áreas como artes, português, matemática, ciências, psicomotricidade, biologia, sociologia, filosofia, entre outras. Contudo, houve lacunas no que diz respeito aos saberes relacionados à história da África; houve poucas disciplinas, bem como trabalhos, voltados para esse tipo de estudo. Talvez o exemplo mais gritante fosse aquele que ainda estava enraizado em minha memória, os estereótipos do “arcabouço de tragédias”, os quais, aliás, são apresentados até hoje, pela mídia, nos meios de comunicação.

Semelhantemente, durante a minha formação em Pedagogia, a África e a sua história, assuntos tão importantes para a compreensão do Brasil e dos brasileiros, não foram abordadas. Sem dúvidas, pude perceber certa ausência de empoderamento da diversidade e da negritude, durante o processo de formação de professores no curso. Tive, sim, disciplinas que foram voltadas para questões como conteúdos, currículo, políticas públicas, Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e até mesmo sobre a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, a qual estabelece a obrigatoriedade da inclusão da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da Rede de Ensino. Não obstante, não foram problematizadas questões como racismo e preconceito. A palavra “cota”, por exemplo, só foi mencionada na disciplina Antropologia da Educação.

Quando iniciei, então, o Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em História da África, estava com bastante expectativa. Queria saber, por exemplo, como lidar com xingamentos de base racista entre os alunos tanto na sala de aula quanto no espaço da escola. Além disso, tinha interesse de me capacitar para a realização de um projeto de literatura africana na Educação Infantil. Certamente, o curso foi essencial para a minha formação enquanto professora, assim como para as minhas relações familiares e sociais, pois (re)afirmou em mim

uma identidade negra que havia sido silenciada por muito tempo, um silêncio que perdurou durante a minha vivência em casa, na escola, e até mesmo na universidade. Em relação a esse silêncio, a professora Eliane dos Santos Cavalleiro (1998, p. 11, grifo nosso) assim escreveu:

[...] crianças negras já apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico a que pertencem. Em contrapartida, crianças brancas revelam um sentimento de superioridade, assumindo em diversas situações atitudes preconceituosas e discriminatórias, como por exemplo, xingando e ofendendo as crianças negras, atribuindo à cor da pele caráter negativo. Essas situações de discriminação, **ocorridas na presença de professores, sem que estes interferissem**, chamaram minha atenção. Os educadores não perceberam o conflito que se delineava. Talvez por não saberem lidar com tal problema, preferiram o silêncio. Também me questioneei sobre a possibilidade desse silêncio decorrer do fato desses profissionais compactuarem com as ideias preconceituosas, considerando-as corretas e reproduzindo-as em seus cotidianos.

Cavalleiro (1998) nos faz pensar o “silêncio do professor”, que legitima o preconceito e o racismo no espaço escolar e que repercute nos âmbitos sociais. Por esse motivo, é bom ressaltar, identifiquei-me com a tese da Cavalleiro (1998) intitulada “Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil”.

A visão de África construída no meu imaginário, ao longo do tempo, era a mesma visão que ainda prevalece no ensino de algumas escolas, visão esta que se manifesta no comportamento dos professores e, principalmente, na divulgação, pelos meios de comunicação, de uma África pobre, miserável e selvagem, na qual o ser-humano não consegue pensar e agir, plenamente, baseado na razão. Um exemplo disso é o livro de Edgar Rice (2014), o qual conta a história de Tarzan, uma história que retrata questões atuais, tirando o protagonismo dos negros.

A partir do aprendizado adquirido no curso, propus-me a produzir um material didático que conferisse voz à África negra, de modo a apresentar diferentes aspectos do seu cotidiano, bem como algumas das muitas histórias que contribuem para a riqueza cultural do continente, tornando-a protagonista na modalidade da Educação Infantil. Cavalleiro (1998) argumenta que a escola foi criada pela elite, não atendendo às necessidades dos menos favorecidos, ou seja, a escola é excludente e racista. O diagnóstico trazido em 1998 pela professora é, pois, muito pertinente para dias atuais, haja vista a existência, ainda, de tanto racismo nas instituições públicas.

O material didático que pretendo apresentar neste trabalho é um projeto de uma Maleta Viajante, por meio da qual serão trabalhados contos africanos, visando à valorização

do continente, da cultura, da identidade, da língua e dos costumes africanos, por meio da literatura, com o intuito de combater o racismo e o preconceito no âmbito escolar.

## 1 EDUCAÇÃO INFANTIL

A LDBEN (BRASIL, 1996) é a Lei mais importante do sistema educacional brasileiro, já que traz as diretrizes gerais da educação brasileira, seja de instituições públicas, seja de instituições privadas. De acordo com essa Lei, a educação básica é “formada pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio” (BRASIL, 1996, p. 21). Para ratificar a LDBEN, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 8), em seu artigo 29, afirma que:

[...] do ponto de vista legal, a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Considerando essas legislações, elaborei o projeto “A Maleta Viajante”, com o intuito de que as crianças pequenas tenham acesso à educação e à oportunidade de uma aprendizagem de qualidade na modalidade da Educação Infantil.

Para a produção do material didático, optei pelo 1º período da modalidade da Educação Infantil, o qual envolve crianças de 4 a 5 anos de idade. A escolha dessa faixa etária se deu pelo fato de eu ter tido a oportunidade de trabalhar como professora regente em uma turma na qual desenvolvi um projeto de leitura também denominado “A Maleta Viajante”, trabalhando com literatura diversificada.

Com base na minha experiência profissional, nas reflexões das leituras dos textos disponibilizados no Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em História da África e nas discussões durante as aulas, percebi a possibilidade de trabalhar novamente com o projeto “A Maleta Viajante”, porém, com um olhar mais apurado para os contos africanos. Os conhecimentos adquiridos ao longo da especialização foram essenciais para um embasamento teórico e argumentativo em relação ao continente africano e às relações étnico-raciais, as quais nos circundam.

A aprovação da Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003), a qual alterou o artigo 26 da LDBEN (BRASIL, 1996) foi um marco importantíssimo na educação brasileira e na história do movimento negro brasileiro, pois ela determinou a obrigatoriedade do ensino da temática História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena, na perspectiva de construir uma educação positiva para as relações étnico-raciais. Nesse sentido, essa Lei abriu novas

possibilidades de capacitação dos profissionais da educação com a finalidade de combater o racismo e o preconceito.

O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2013, p. 48) afirma que “as desigualdades nas trajetórias educacionais das crianças e jovens negros nas diferentes etapas de ensino, bem como as práticas institucionais e preconceituosas determinam percursos educativos muito distintos entre negros e brancos”, uma vez que as práticas escolares ainda se apresentam eurocentradas, reproduzindo diferenças sociais injustas presentes na sociedade, e que os currículos escolares trabalham com práticas pedagógicas discriminatórias.

No que diz respeito aos currículos, Silva (2011) argumenta que toda a teoria crítica do currículo deveria levar em consideração as “desigualdades sociais” (como por exemplo, as derivadas de gênero, de raça e de etnias), com o objetivo não de simplesmente juntá-las, mas de problematizá-las, pois elas excluem crianças e jovens negros no Brasil, resultando no fracasso escolar desses indivíduos, os quais, na visão do autor, vêm sendo mais e mais expelidos, de forma tal que o sistema escolar não contribui para alterar as injustas desigualdades presentes em nossa sociedade (por isso a relevância de se ter profissionais qualificados e comprometidos para compreender os alunos e as suas histórias).

O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2013, p. 48 e 49) apontou propostas dos caminhos a serem trilhados pela Educação Infantil nas relações étnico-raciais:

O papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, para a formação de personalidade, para a construção da inteligência e para a aprendizagem. Os espaços coletivos educacionais, nos primeiros anos de vida, são espaços de privilegiados para promover a eliminação de qualquer forma de preconceito, racismo e discriminação racial. Isso faz com que as crianças, desde muito pequenas compreendam e se envolvam conscientemente em ações que conheçam, reconheçam e valorizam a importância dos diferentes grupos étnico-raciais para história e a cultura brasileira.

A mudança prevista começava na mais tenra idade. Reconhecia-se a importância da Educação Infantil na formação do sujeito pleno. Ao legitimar os valores étnico-raciais que foram negados aos negros do passado, esse plano teve a sensibilidade de incluir no currículo escolar e no cotidiano as atividades voltadas para as crianças negras, bem como de

compreender que esses conteúdos são fundamentais para a diminuição do preconceito, da discriminação e do racismo.

## **2 A EDUCAÇÃO INFANTIL NO 1º PERÍODO – CRIANÇAS DE 4 ANOS DE IDADE**

A criança é um sujeito sócio-histórico-cultural que apresenta necessidades, anseios e curiosidades. É primordial que ela tenha acesso à Educação Básica na modalidade da Educação Infantil, conforme a LDBEN (BRASIL, 1996) e o ECA (BRASIL, 1990). A escola deve propor diversos estímulos para que a criança se desenvolva em seus aspectos físico, cognitivo, afetivo, ético, social e psicológico. Entre as finalidades da Educação Infantil, destacamos:

- ampliar as experiências e as vivências do cotidiano das crianças;
- arquitetar maneiras para que a criança entenda o mundo em que vive, em seus aspectos culturais e sociais, de forma que o critique e que o transforme;
- criar condições saudáveis, harmoniosas e seguras, de maneira que a criança possa vivenciar as habilidades de interação, de participação e de convivência.

### 3 A LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No que tange à Educação Básica, bem como às políticas públicas, vem sendo priorizada a linguagem oral, tendo-se em vista que ela faz parte do cotidiano das crianças e de suas práticas escolares. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 119) “em algumas práticas se considera o aprendizado da linguagem oral como um processo natural, que ocorre em função da maturação biológica”. Em um primeiro momento, por exemplo, as crianças chegam tímidas; a “Rodinha de conversa” é uma das atividades que aparecem na rotina na sala de aula: há interação entre a educadora e as crianças, sendo que cada um fala na sua vez, de acordo com a mediação do docente.

Um dos métodos para aprimorar a oralidade na Educação Infantil é a contação de história. Esse método promove criatividade, imaginação, comunicação, ordem e ideias, por parte das crianças pequenas. A contação de história pode ocorrer a partir de “Rodinhas de conversa”, em qualquer ambiente da escola. A iniciativa de contar histórias proporciona à criança a possibilidade de ouvir e de contar narrativas, e, ainda, de estimular uma interação com os livros. Segundo Barbosa (2010) citado por Guimarães (2013), após as crianças ouvirem, (re)lerem ou (re)contarem as histórias, estas passam a ter um valor significativo para elas, pois aprendem e se apropriam do mundo ao qual estão inseridas.

É importante que o educador ou a educadora apresente o objeto para as crianças pequenas desde cedo, a fim de que elas possam interagir com o material, no caso o livro, explorando-o ao máximo. De acordo com Bonnafé (2008) citado por Guimarães (2013, p. 20) “ao difundir-los, são abertas possibilidades de diminuir desigualdades socioculturais, porque os livros de qualidade propiciam uma progressiva conexão reflexiva dos sujeitos com a diversidade de sua comunidade”.

Mesmo que a criança não saiba ler, é comum encontrarmos arranjos especiais nas escolas de Educação Infantil. O “Cantinho de Leitura”, na sala de aula, é um espaço flexível e sensível, pois permite à criança a manipulação de livros ou de determinados objetos simbólicos, assim como o conhecimento das diversas maneiras de textura, de forma, de tamanho, de cores, de imagens, entre outros. Nesse sentido, Bonnafé (2008) citado por Guimarães (2013, p. 20) afirma o seguinte:

a leitura, tal como destacam os estudos da história cultural e da semiótica, não acontece de maneira linear. Ela se constitui como apropriação inventiva

e criativa, calcada no tempo e no espaço, cujo suporte influencia os modos de leitura. As formas, os códigos intrínsecos ao suporte, suas estratégias e tecnologias – visuais (imagens, cores), físicas (formato, texturas, tamanhos) e discursivas (palavras, imagens) – influenciam as possibilidades de usos tanto mecânicos, cognitivos e afetivos. Em interação com a totalidade dos textos e suportes, nos processos complexos de ver/olhar/ler (Ramos e Panozzo, 2011), o leitor – criança, zigzagueando ideias, especulando diferentes planos de expressão, engendra cruzamentos para atribuir sentidos aos signos do jogo lúdico proposto pelos livros.

Os livros proporcionam diferentes visões de mundo para as crianças. As histórias contadas, escritas, ilustradas, narradas pelo professor trazem consigo maneiras de viver e de se relacionar com o outro. Além disso, elas são importantes artefatos culturais que contribuem para a construção da identidade. Ao apresentá-las para as crianças, o professor deve ter o seguinte em mente: é sua a tarefa de selecionar e de atribuir significados nos/aos livros para as crianças. Portanto, não existe uma receita pronta para a escolha dos livros. Também é importante que os acervos reflitam as mesmas preocupações.

O papel do educador, nesse processo, é o seguinte: ser o mediador na construção dos “objetos simbólicos” que irão impulsionar as crianças a imaginar, a fantasiar, a sentir e a almejar as histórias. Silva e Martins (2012, p. 9), sobre a literatura infantil, apontam o seguinte: “o maravilhoso é um dos elementos mais importantes na literatura infantil, esta tem uma linguagem metafórica que se comunica com o pensamento mágico, natural das crianças”. A literatura é essencial na vida das crianças, tanto para o seu desenvolvimento afetivo, psíquico, cognitivo e social quanto para que tenham a capacidade de assimilar o mundo ao qual estão inseridas.

A literatura amplia novos horizontes e conhecimentos de mundo para os alunos, possibilitando-os, assim, ter um papel atuante no contexto social ao qual estão inseridos. A leitura de livros e/ou de narrativas proporciona aos leitores (ou a quem estiver ouvindo a história) novas formas de pensar, tornando-os questionadores e participativos. A literatura “deve ser utilizada como veículo de informação e lazer para as nossas crianças, sendo assim, torna-se essencial para que aflorem futuros indivíduos com maior capacidade argumentativa, bem como com capacidade de interagir e modificar o meio em que vive” (SILVA, MARTINS, 2012, p. 8).

Assim, a criança vai sendo introduzida à cultura, no interior de seu meio social, e se constituindo com um ser cultural. O desenvolvimento humano é mediado pelo outro e as funções psíquicas é uma história social.

Poderíamos dizer que é por meio dos outros nos tornamos nós mesmos e esta regra se aplica não só ao indivíduo como um todo, mas também à história de cada função separadamente. Isso também constitui a essência do processo do desenvolvimento cultural traduzido numa forma puramente lógica. O indivíduo torna-se para si o que é em si pelo que ele manifesta aos outros (PINO, 2005, p. 66).

O desenvolvimento cultural é o processo de conversão de significação. O nascimento cultural da criança com o outro se estabelece, principalmente, a partir da mãe, do pai e do educador, os quais criam vínculos sociais. De modo geral, podemos afirmar que a criança se torna um ser cultural através de mediação do outro.

#### **4 A LINGUAGEM DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Kishimoto (2001), citando Vigotsky, explica que a criança não nasce sabendo brincar, mas que o brincar é uma construção social. Segundo Vigotsky (2009, p. 8):

o desenvolvimento da criança encontra-se, assim, intrinsecamente relacionada à apropriação da cultura. Essa apropriação implica uma participação ativa da criança na cultura, tornando-se próprios dela mesma os modos sociais de perceber, sentir, falar, pensar, e se relacionar com os outros.

O brincar não é uma atividade natural da criança, porém ela se constitui no social e ainda se desenvolve por meio de suas próprias experiências e vivências no interior do contexto e das relações sociais. Segundo Schapper (2010), para Vigotsky a imaginação é uma particularidade da função superior. Ao brincar, a criança atua no campo de significação; através da imaginação, ela parte das experiências e da vivência que a possibilita o desenvolvimento do ser criativo, ou seja, do ser que (re)cria o mundo.

## 5 A LITERATURA AFRICANA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Não existe receita pronta que ensine o que o professor precisa saber e fazer, durante o trabalho com a literatura africana. Entretanto, o educador precisa ter sensibilidade e flexibilidade, visando à escolha de bons livros, bem como de boas histórias, no acervo de literatura africana e de contos africanos.

É importante que o educador pesquise as histórias africanas e que conheça o cotidiano e as vivências dos alunos, a fim de levar em consideração a realidade da turma. Além disso, o professor deve escolher figuras de qualidade e vocabulário envolvente, pensando estratégias de aprendizagem para o trabalho com as histórias. Cabe ao professor ser construtor da identidade cultural do aluno. Freire (2009, p. 42) cita:

a questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não se pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos. É isto que o puro treinamento do professor não faz, perdendo-se e perdendo-se na estreita e pragmática visão do processo.

O teórico destaca, nesse processo, o respeito mútuo entre o educador e o educando, na prática educativa. O professor não é o detentor da verdade (ou “dono da verdade”). O conhecimento se constrói, juntamente com os alunos, ou seja, é um movimento dialético, dinâmico, que se dá a partir do pensar e do fazer juntos. Cabe a nós, educadores e educadoras, proporcionar aos nossos alunos literatura, narrativa e contos africanos que valorizem a história e a identidade do povo africano e que oportunizem o respeito pelos afrodescendentes.

Nossos educandos têm o direito de conhecer todas as culturas, sobretudo o conhecimento das culturas africanas e indígena que tanto contribuíram na construção da identidade do povo brasileiro, a identidade cultural nos faz pertencer a uma cultura, onde todos são vistos com igualdade de condições (SILVA, MARTINS, 2012, p. 3).

Vale ressaltar o foco deste trabalho: oportunizar às crianças pequenas com idade entre 4 a 5 anos literatura e contos africanos que apresentem histórias do continente africano, bem como personagens de uma cultura que não é vista com bons olhos na/pela sociedade brasileira e que é, conseqüentemente, estereotipada no espaço escolar. A cultura africana enfatiza

elementos ricos relacionados às tradições, à música, ao afeto, aos vestuários, à culinária, ao artesanato, à magia, à aventura, à coragem, aos heróis, entre outros.

As obras africanas selecionadas com bastante carinho e afeto para este trabalho contemplam personagens com valores e com características positivas, como a dignidade, a beleza, a honestidade e a coragem.

## **6 A MALETA VIAJANTE: LITERATURA E CONTOS AFRICANOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Serão destacados no presente capítulo os objetivos, a justificativa da escolha material didático, a metodologia, os materiais necessários para a composição da Maleta Viajante, algumas fotos da Maleta Viajante, os resumos das obras a serem trabalhadas, entre outros.

### **6.1 Objetivos**

O trabalho com a literatura e com contos africanos na Educação Infantil, a partir da Maleta Viajante, são os seguintes:

- oportunizar às crianças da Educação infantil vivências na cultura africana, de modo a contribuir para a construção de um imaginário positivo do continente africano;
- valorizar a identidade de crianças negras, na primeira infância, através da significação positiva de povos e de culturas negras;
- educar as crianças, visando à igualdade racial;
- incorporar os preceitos legais da educação para as relações étnico-raciais, os quais estão previstos na Lei nº 10.639/03;
- construir a identidade negra com autoimagem e autoestima positivas.

### **6.2 Justificativa da Escolha do Material Didático**

Conforme apresentamos, anteriormente, a influência da Educação Infantil e o papel da instituição escolar na manutenção e na superação das desigualdades presentes na sociedade brasileira na constituição de um indivíduo adulto pleno são inquestionáveis. Ao desenhar o projeto “A Maleta Viajante”, senti a necessidade de trabalhar com um material didático que estivesse próximo da realidade dos meus alunos negros, com o intuito de tentar diminuir o preconceito e o racismo na sala de aula e no espaço escolar.

Sabemos que histórias e a contação de histórias são instrumentos de suma importância para o desenvolvimento da linguagem oral das crianças pequenas, despertando nelas a criatividade, a imaginação, o faz de conta, entre outros. Os textos selecionados pretendem ser

um passaporte para um novo mundo, abrir fronteiras, estimular um novo olhar em relação ao continente africano, à sua diversidade, aos seus personagens fantásticos e mágicos, e desenvolver o encanto de se conhecer mais sobre a história da África.

### **6.3 Metodologia**

Este trabalho visa contribuir com docentes da Educação Infantil. Ele foi utilizado com crianças de 4 a 5 anos de idade, em uma turma de 1º Período, porém, dependendo da instituição, também pode ser utilizado na pré-escola.

O presente material está articulado com As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e com As Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e africana. O professor deve ser reflexível em relação à promoção de narrativas, de modo a abordar a diversidade étnico-racial, diminuir e superar as ações discriminatórias entre as crianças, bem como o silêncio, durante as situações de preconceito e de racismo, trabalhar a identidade da criança negra, através de livros de literatura africana e/ou de contos africanos, e desenvolver com os educandos atividades lúdicas que valorizem a cultura africana.

Antes de apresentar a Maleta Viajante aos alunos, o professor deverá contar que haverá uma novidade na sala de aula, com o objetivo de deixar a leitura mais prazerosa e mais interessante. Como a criança levará o material para casa, o educador deverá dialogar com a turma sobre a importância do cuidado com o material e com os livros africanos, e, também, do olhar atento para as suas imagens, as suas cores, a sua textura, entre outros.

### **6.4 Materiais Necessários para a Composição da Maleta Viajante**

Alguns dos materiais necessários para a composição da Maleta Viajante são os seguintes: CDs, DVD do filme “Kiriku e a Feiticeira”, livros de literatura africana e contos africanos, hidrocor, caderno, lápis de cor, adereços afro, argila, fantoches, dedoches, alinhavo de material, cola colorida, giz de cera, retalhos de tecidos, passaporte de leitor, argila<sup>1</sup>, entre outros.

---

<sup>1</sup> Com a argila são trabalhadas habilidades motoras, sensoriais, olfativas e visuais. A argila é utilizada como um recurso pedagógico pelo educador, sendo parte da rotina do trabalho na sala de aula de crianças pequenas. Ela pode ser utilizada como massa de modelar, a fim de que os alunos façam releituras das narrativas de maneira criativa e prazerosa.

6.5 Fotos  
Viajante

da Maleta

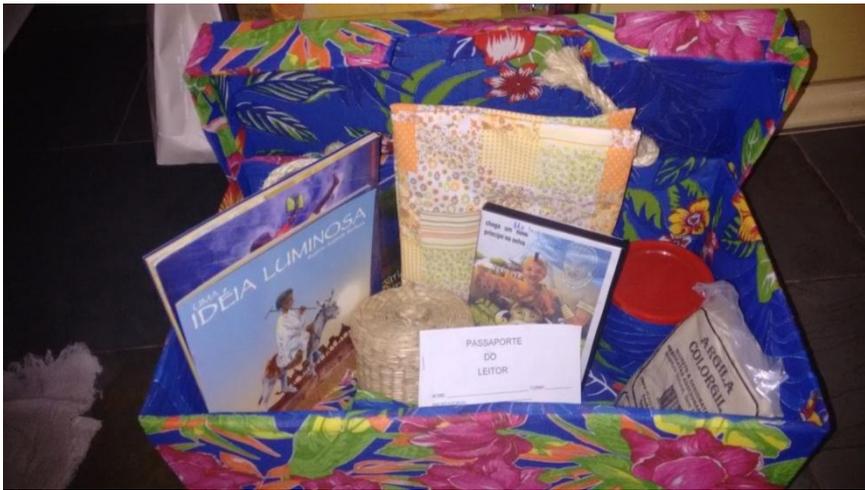


Figura 1: Fotos da Maleta Viajante e de seus acessórios  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 2: Fotos de livros africanos que relatam países do continente africano  
 Fonte: Arquivo pessoal



Figura  
 caderno de  
 Fonte:

pessoal

3: Foto do  
 registros  
 Arquivo

Após a contação de história, o mediador solicitará que a criança faça um desenho ou uma pintura da história que quiser. Os livros estimulam a curiosidade das crianças de modo bastante interessante. Por isso, confeccionar fantoches para auxiliar na contação das histórias é bastante positivo.

Figura 4: Fotos do passaporte do leitor

Fonte: Arquivo pessoal

No passaporte do leitor a criança registrará as suas histórias (as suas viagens): a data, a classificação do livro, o título da obra e o autor. O educador usará um carimbo para carimbar no passaporte do leitor.

## 6.6 Resumos das Obras

### 6.6.1 Escola de Chuva

Autor e ilustrador: James Rumford. Tema: Meio ambiente / Pluralidade cultural / Conto / Humanos / Incentivo à leitura / Superação / África / Gratidão / Cooperação. País: Chade. Faixa Etária: a partir de 4 anos.

Sinopse: é o primeiro dia de aula em Kelo, no Chade, na África. As crianças caminham pela estrada. “Vou ganhar um caderno?”, pergunta Tomás. “Vou ganhar um lápis?”

Vou aprender a ler como vocês?”. Mas quando ele e as outras crianças chegam à escola, não há sala de aula nem carteiras. Apenas uma professora. “A primeira lição é construir a nossa escola”, diz ela.

Escola de Chuva é do mesmo autor de Chuva de Manga e O presente de Aniversário do Marajá. Agraciado pelo Prêmio norte-americano Oppenheim Toy Portfolio com o selo de ouro de melhor livro de 2010. Uma emocionante história sobre o amor pelo aprendizado, o desejo de estudar e sobre a maior herança que um adulto pode deixar para uma criança: o conhecimento<sup>2</sup>.

### 6.6.2 Mizu e a Estrela

Autora: Margarida Cristina Vasques. Ilustrador: Rubem Filho. País: Zimbábue. Edição: Maza.

Sinopse: Mizu é menino morador do Zimbábue, ‘região de planaltos ondulados, com o sol batido de vento’. Na história narrada por Bambô, que se apresenta como feio bem feito que tem o alento de servir o leitor atento, Mizu viverá uma aventura que irá lhe inspirar por toda a vida. Por não saber que era impossível, ele coloca em prática um plano audacioso. De madrugada, sai cedo de casa deixando para trás até o adorado mingau de sadza e nyama que sua mãe lhe preparava todos os dias. Percorre trilhas e planícies e enfim chega à enorme pedra do lado da grande árvore de onde captura, nada mais nada menos, do que a estrela Sirius. De bom grado, ela segue com o menino para a aldeia onde desfrutará do convívio dos parentes e amigos de Mizu. Mas como avisara o narrador que essa história seria fiel aos fatos, o futuro da amizade entre um ser do céu e outro da terra teria suas limitações, ainda que menos importantes do que a conquista de um sonho<sup>3</sup>.

### 6.6.3 Uma Ideia Luminosa

Autor: Rogério Andrade Barbosa. Ilustradora: Thais Linhares. País: Eritrêia (Chifre da África).

Sinopse: entre os temas universais dos contos infantis, está o da disputa entre irmãos para decidir qual está mais capacitado a assumir a direção da família após a morte do pai.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.brinquebook.com.br/escola-de-chuva.html>>. Acesso em: 08/03/2017.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://bsp.org.br/2013/08/22/mizu-e-a-estrela-margarida-cristina-vasques/>>. Acesso em: 08/03/2017.

Uma ideia luminosa mostra a presença desse tema na literatura da Eritréia. Usando uma linguagem saborosa, o autor consegue transportar o leitor ao local onde se passa a história: em poucas palavras, evoca imagens, aromas, sons, memórias. Depois, vem a solução do desafio, tão simples e tão surpreendente: uma grande lição de criatividade na inspiração que pode surgir quando nos afastamos por um momento da agitação do cotidiano<sup>4</sup>.

#### 6.6.4 Bruna e a Galinha D'Angola

Autora: Gercilga Almeida. Ilustradora: Valéria Saraiva. Editora: Pallas. País: Angola.

Sinopse: árvores, flores, frutas e bichos – todos têm sido símbolo desde que o mundo é mundo. Seja a macieira com sua maçã inicial, seja a galinha d'angola espalhando terra para dar firmeza ao chão – todos têm representado a reverência de tempos, antigos e modernos, aos primeiros passos da raça humana. Os negros que foram trazidos da África contra a sua vontade, há muitos anos, e aqui participaram como brasileiros, intimamente, do esforço de fazer do Brasil uma nação, trouxeram com eles suas tradições que se tornaram tradições do Brasil como um todo. Louve-se Gercilga de Almeida por haver escolhido a bela imagem da galinha d'angola para com ela contar, a crianças e adultos, a história de como a terra ficou segura – e de como Bruna e suas amiguinhas da grande aldeia chamada Terra se afeioaram à Conquém, na beleza de sua pele escura pintada de pequenas bolas brancas<sup>5</sup>.

#### 6.3.5 Kriku e a Feiticeira

Sinopse: Na África Ocidental, nasce um menino minúsculo cujo tamanho não alcança nem o joelho de um adulto, que tem um destino: enfrentar a poderosa e malvada feiticeira Karaba. Kiriku é um menino já falava quando ainda estava na barriga da mãe. Na verdade, foi ele quem escolheu seu próprio nome logo que nasceu. Ele está destinado a libertar uma vila africana de uma feiticeira chamada Karaba, que secou as fontes de águas e sequestra os homens do local. Kiriku vai até o sábio da montanha, conhecedor do segredo de Karaba, e em seguida parte para enfrentar a feiticeira.

Essa história faz parte do folclore africano e fala de determinação na luta pela liberdade. Kiriku nasce para ser livre, tanto que quando ainda está na barriga da mãe ele diz:

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.estantevirtual.com.br/b/rogerio-andrade-barbosa/uma-ideia-luminosa/3599443946>>. Acesso em: 08/03/2017

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.travessa.com.br/bruna-e-a-galinha-d-angola/artigo/4283c081-7448-47c8-8bb1-07fc7ae3eb00>>. Acesso em: 08/03/2017.

“Mãe, dê a luz a mim!” Segundo o diretor e roteirista, Michel Ocelto, foi também uma grande oportunidade para mostrar o povo africano e alguns de seus valores. O roteiro foge do óbvio, ao contrário do que acontece em outras produções do gênero. E conta ainda com boa trilha sonora e personagens cativantes. A trilha sonora do filme foi feita pelo senegalês Youssou N`Dour, um dos mais famosos músicos africanos, que tornou-se popular pela música 7 seconds<sup>6</sup>.

## **6.7 O Papel da Família**

Aproximar a família da escola, a fim de construir redes de colaboração ativas e afetivas na construção de identidade e de valores étnico-raciais é bastante importante. No momento da contação de história, cabe à família proporcionar um ambiente acolhedor e prazeroso para o leitor, oferecendo-o um ambiente onde os materiais da Maleta Viajante estejam presentes.

De acordo com Pereira (2016), a contação de histórias africanas nos permite contar e compartilhar saberes e narrativas de protagonistas negros. Assim, faz-se necessário abrir novos caminhos na escola para acolher a diversidade e conhecer melhor a comunidade e a família do educando, visando à promoção de resultados significativos, ao fortalecimento e à valorização da identidade das crianças pequenas.

A criança poderá levar para a casa a “Maleta Viajante”, semanalmente. Será enviada à família uma carta explicando como serão utilizados os materiais e os acessórios da Maleta Viajante. Posteriormente, a Maleta Viajante retornará, para que outra criança leve o material didático. A seguir, podemos ver um modelo de carta a ser enviada à família do aluno.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://criancanegritude.blogspot.com.br/2007/01/cinema-textos.html>>. Acesso em: 08/03/2017.

É COM MUITA ALEGRIA QUE NESTA SEMANA LEVO PARA A CASA A MALETA VIAJANTE.

É MUITO IMPORTANTE PARA MIM CONTAR COM VOCÊS PARA ME AUXILIAR NESTA TAREFA DE LER AS MAIS BELAS HISTÓRIAS DO CONTINENTE AFRICANO. LENDO PARA MIM, CONTAREI TAMBÉM PARA MEUS AMIGOS DA TURMA.

NA MALETA HÁ LIVROS DE HISTÓRIA DA ÁFRICA DE CADA PAÍS. IREI VIAJAR POR LUGARES FANTÁSTICOS E CHEIOS DE EMOÇÃO.

APOS A HISTORIA, IREI PREENCHER COM VOCÊS O PASSORTE DO LEITOR.

QUANDO RETORNAR DA ESCOLA COM A MALETA, IREI APRESENTAR A HISTÓRIA PARA MEUS AMIGUINHOS, NA RODINHA DE CONVERSA. PARA ISSO DEVO OUVIR E FICAR BEM ATENTO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA.

NO CADERNO DE REGISTRO, IREI DESENHAR SOZINHO(A) AS ILUSTRAÇÕES AFRICANAS. POSSO PRODUZIR DIVERSAS ATIVIDADES COMO ESCULTURAS COM A ARGILA E BRINQUEDOS COM OS RETALHOS DE TECIDOS.

A MALETA DEVERÁ RETORNAR PARA A ESCOLA COMIGO, JUNTAMENTE COM TODOS OS MATERIAIS NELA PRESENTES.

AGRADEÇO SUA COLABORAÇÃO E ATENÇÃO

PROFESSORA: \_\_\_\_\_

SEU(SUA) FILHO(A): \_\_\_\_\_

BEIJOS



Figura 5: Modelo de carta a ser enviada à família do aluno  
Fonte: Arquivo pessoal

## 6.8 Desenvolvimento do Projeto

- primeiramente, apresentar o projeto à comunidade escolar (professores, direção, coordenação, funcionários e crianças). Posteriormente, à comunidade à família dos alunos, na reunião de pais ou responsáveis;
- organizar a Maleta Viajante, a fim de que ela fique aconchegante e acolhedora para as crianças pequenas;
- selecionar livros e contos africanos, com o intuito de diversificar o acervo.
- criar um acervo de leitura com diferentes livros africanos que contenham a temática africana: contos, poesia, poemas, fábulas, entre outros;
- realizar diferentes vivências a partir dos diversos livros de literatura africana;
- construir uma relação ativa e afetiva que contribua para que a criança conheça a cultura, os países e os lugares africanos e que possibilite o contato da criança com a diversidade e as relações étnico-raciais.
- realizar “rodinhas de conversa” na sala de aula, para que a criança que levou a Maleta Viajante para a sua residência possa relatar a sua experiência com as leituras, bem como dizer qual a história que mais gostou de ouvir com a sua família;
- realizar encontros com os pais e responsáveis dos alunos para verificar se houve alguma modificação gratificante ou não em relação à criança e à família, e se houve interação entre elas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho, pude construir novos saberes, bem como novas práticas pedagógicas na minha formação profissional e acadêmica; reconstruir novos olhares sobre a diversidade e sobre a inclusão social; e avançar no que diz respeito ao saber lidar com a discriminação, o preconceito e o racismo, valendo-se de meios para diminuí-los.

Foi gratificante e prazeroso elaborar o material didático, o qual foi harmonioso e afetuoso, feito com muito zelo. Tive a oportunidade de produzir a Maleta Viajante com materiais e acessórios coloridos e belos.

A partir da realização do projeto “A Maleta Viajante”, espero que a literatura africana e os contos africanos proporcionem às crianças negras e brancas momentos de descoberta; que, juntamente com a família, elas tenham a possibilidade de construir uma relação de afetividade e de acolhimento, em relação à cultura africana. Com tal projeto, as crianças terão a oportunidade de ouvir histórias que resgatem a identidade e a autoestima negra de maneira positiva, bem como os aspectos importantes da cultura e da tradição africanas. Além disso, elas conhecerão melhor o continente africano, no que diz respeito aos lugares, às personagens, aos países, entre outros. A partir da mediação do educador e da família na contação de histórias, os educandos dinamizam as histórias, expressando criatividade, imaginação e emoção.

De acordo com o provérbio africano, “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”. Isso significa que é necessário ir além das paredes da sala de aula (os professores, a coordenação, os funcionários, a comunidade, a família) para educar as crianças, apresentando-as a sabedoria africana, rompendo com uma cultura eurocêntrica e racista que não valoriza a diversidade e a inclusão das crianças negras e que legitima uma dominação e opressão desses sujeitos excluídos no sistema escolar.

As obras africanas apresentam personagens negros em países diferentes da África, mostrando a cultura, a tradição, a magia, a aventura e outros detalhes do continente. Nesse sentido, a temática da Maleta Viajante me proporcionou profundos momentos de reflexão. Sem dúvidas, esse trabalho deve ser continuado.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. S. **As especificidades da ação pedagógica com os bebês**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BONNAFÉ, M. **Los libros, eso es bueno para los bebés**. Trad. Lirio Garduño y Jean Pierre Buono. Barcelona: Editorial Océano, 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em: 08/03/2017.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá Outras Providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)>. Acesso em: 08/03/2017.

\_\_\_\_\_. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: conhecimento de mundo**. Brasília, MEC/SEF, volume 3, 1998.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)> Acesso em: 08/03/2017.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino da História Afrobrasileira e Africana**. Brasília: SECAD/MEC, 2004.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: SECAD/SEPPPIR, 2009.

BURROUHTS, E. R. **Tarzan**. Ed. Zahar, 2014.

CAVALLEIRO, E. dos S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GUIMARÃES, R. M. Livros para ler, explorar e imaginar. **Pátio – Educação Infantil**. Ano XI. Nº 35 abril/junho de 2013, p. 19-21.

PEREIRA, D. dos S. **A questão étnico-racial a partir do olhar da criança: a inclusão da diversidade por meio de experiências escolares instituintes**. 2016. Dissertação (Mestrado em Diversidade e Inclusão). Universidade Federal de Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro. 2016.

PEREIRA, M. G. **História da África, uma disciplina em construção**. 2012. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 2012.

PINO, A. **As marcas do humano: as origens de constituição cultural da criança na perspectiva de Lev Semionovich Vigostki**. São Paulo: Cortez, 2005, p. 301.

RUMFORD, J. **Escola de chuva**. São Paulo: Brinque-Book, 1. ed., 2012.

SCHAPPER, I. **O fluxo do significado do brincar na cadeia criativa: argumentação e formação de pesquisadores e educadores**. 2010. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 2010.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SILVA, E. de S; MARTINS, I. C. Literatura infantil, história e diálogos interculturais: a cultura afro-brasileira. In.: SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **O Professor PDE e os Desafios da Escola Pública Paranaense**. Volume I, 2012. (p. 1-18). Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2012/2012\\_fafiuiv\\_port\\_artigo\\_edsonia\\_de\\_souza.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_fafiuiv_port_artigo_edsonia_de_souza.pdf)>. Acesso em: 08/03/2017.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009. 134 p.